

## **Mulheres Jornalistas na Cobertura da Pandemia: Uma Perspectiva pela Ética do Cuidado e do Jornalismo para a Paz<sup>1</sup>**

Priscila Romero Sanches<sup>2</sup>  
Nayara Kobori<sup>3</sup>

### **Resumo**

O presente artigo traz uma reflexão sobre o trabalho de mulheres jornalistas durante a cobertura da pandemia da Covid-19, tendo como base os pressupostos teóricos da Ética do Cuidado e as perspectivas do Jornalismo para Paz. A análise partirá de uma coleta de dados em um questionário, com a realização de entrevistas em profundidade semiestruturadas. A nossa intenção é analisar o quanto as questões de gênero interferem nas práticas jornalísticas, a partir de uma moral feminista interseccional baseada no cuidado, que orienta uma cobertura para as pessoas, especialmente em um momento de crise.

### **Palavras-chave**

Mulheres; Pandemia; Ética do Cuidado; Jornalismo para a Paz.

### **Introdução**

A pandemia da Covid-19 foi uma ruptura para a comunicação. O isolamento social e a necessidade de lidar com questões delicadas, como o luto, as incertezas, a crise econômica e o conflito de desinformações constantes exigiram que os jornalistas tivessem que adotar novas abordagens, tanto no uso de equipamentos técnicos quanto às formas de se comunicar com o público e com os entrevistados.

Ao mesmo tempo, as subjetividades desses jornalistas também vieram à tona. A categoria profissional colocou-se em risco constante, visto que, muitas vezes, precisavam se expor em situações com risco de contágio. Em conjunto, há o sentimento angustiante de lidar com as dores de famílias brasileiras que foram vítimas do novo coronavírus.

De acordo com Sanches (2020, p. 444-445), o cenário de pandemia fez com que os noticiários brasileiros e do mundo afora fossem invadidos pelo que é da práxis do jornalismo, isto é, a atualização do número de contaminados e mortos, que se multiplicam exponencialmente. Porém, o que se percebeu é que na pandemia, a busca por boas notícias pode servir como uma “esperança de encontrar alento, frente ao quadro de desolação causado pela doença” (SANCHES, 2020, p. 449). Nesse contexto, as boas notícias servem não somente como uma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação Intercultural e Interseccionalidade, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

<sup>2</sup> Doutoranda, UNESP e priscila.sanches@unesp.br.

<sup>3</sup> Doutoranda, UNESP e nayara.kobori@unesp.br

espécie de acolhimento, mas uma maneira de direcionar a prática jornalística para as pessoas e orientado às soluções, em contraponto com o agendamento midiático hegemônico.

Contudo, essa dualidade entre notícias boas e más, embora seja um dos pontos de partida, ainda assim é simplista. Por isso, há a necessidade de um olhar mais aprofundado sobre a prática jornalística em tempos de pandemia. Afinal de contas, é nos períodos de crise em que se percebe o quanto as práticas sociais discursivas, onde o jornalismo se inclui, carecem de transformações. É preciso encarar esse espaço como uma ferramenta de mudança, mas também como um meio de propagação de estereótipos nocivos (SALHANI; SANTOS; CABRAL, 2020). Diante disso, pensar uma nova abordagem do jornalismo é romper com os tradicionalismos existentes para a promoção de um discurso ético e de responsabilidade social. Por isso, é importante que as diferentes existências estejam representadas nos discursos, de modo a diversificar essa representação e romper com a hegemonia.

Como apontam Salhani, Santos e Cabral (2020), os veículos de comunicação tradicionais têm um jornalismo não somente marcado pela reatividade, mas também pelas relações de poder de gênero, classe e raça. Sendo assim, a proposta é justamente se contrapor à produção jornalística por um viés reativo e predominantemente masculino, para pensar, epistemologicamente, uma alternativa que inclua a perspectiva de gênero na comunicação (SALHANI; SANTOS; CABRAL, 2020, p. 2).

À luz das teorias feministas, a proposta do artigo é discutir uma perspectiva de jornalismo feito por mulheres em tempos de pandemia, articulado com a proposta dos Estudos para a Paz (*Peace Studies*). A ideia não é centralizar a discussão em temáticas que abordam somente a questão de gênero no jornalismo, como as temáticas de pautas feministas<sup>4</sup>, mas trazer uma “voz diferente”, parafraseando Gilligan (1982)<sup>5</sup>, para tratar de notícias de interesse público e que têm efeito direto nas subjetividades emocionais de cada indivíduo.

Tendo como base a *Ética do Cuidado* (GILLIGAN, 1982), a intenção é mostrar como as mulheres atuaram na cobertura da pandemia da Covid-19, adotando um posicionamento contra hegemônico para a transformação da violência em uma cultura de paz. A reflexão é compreender que diante da transformação do discurso, o cuidado pode ser desenvolvido por todos os sujeitos morais e incorporado à prática jornalística.

---

<sup>4</sup> Aqui, estamos nos referindo às pautas levantadas pelos movimentos feministas, como direito ao aborto, pílula anticoncepcional, feminicídio, entre outras temáticas igualmente importantes para superar a violência direta, estrutural e cultural de gênero. Salientamos que a abordagem dessas pautas é igualmente importante para a transformação do discurso hegemônico, contribuindo para a construção de um jornalismo plural.

<sup>5</sup> A referência está no livro da autora, que leva o título de “*In a different voice*”, em tradução: “em uma voz diferente”.

## **Um panorama do trabalho das jornalistas mulheres na pandemia da Covid-19**

Quando propomos discutir a ética feminista, na perspectiva do cuidado de Carol Gilligan (1982), dentro do que se entende no jornalismo para a paz, a intenção é considerar a diversidade para modificar as narrativas e as representações midiáticas. Ou seja, é vislumbrar uma modificação ética do conflito, voltada à prática profissional jornalística.

De acordo com Salhani, Santos e Cabral (2020), no contexto da comunicação midiática, as mulheres detêm grande parte da produção jornalística. Elas também são maioria nos cursos de jornalismo, representando cerca de 64% das profissionais de jornalismo no Brasil (SALHANI; SANTOS; CABRAL, 2020, p. 3).

Segundo uma pesquisa realizada pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), sobre a situação das mães jornalistas durante a pandemia, grande parte dessas profissionais atua em assessoria de imprensa (40,06%). O estudo também mostrou que 11,13% das participantes relataram possuem contato com pessoas que vêm de fora até a empresa, se expondo ao risco de contágio, enquanto 8,43% disseram que estão em trabalho externo, isto é, na rua<sup>6</sup>. Participaram da pesquisa 629 mães jornalistas de todo o Brasil.

Solo et al. (2020) também estudaram o trabalho das jornalistas mulheres durante a pandemia da Covid-19. Os autores dizem que o jornalismo é um segmento que se expande neste cenário, atuando na linha de frente ao combate ao novo coronavírus, mas por outro lado, as pressões trabalhistas o comprimem. Isso porque, “priorizando a crise econômica à sanitária, o Governo Federal corta gastos às custas dos trabalhadores e das trabalhadoras, provocando suspensão de contratos e demissões massivas” (SOLON et al., 2020, p. 5).

O cenário de precarização afeta com mais força as mulheres. O relatório “Mulheres jornalistas e liberdade de expressão – Discriminação e violência de gênero contra jornalistas no exercício da profissão”, produzido pela Relatoria Especial para Liberdade de Expressão da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) identifica que, apesar da representatividade feminina em áreas da política e comunicação das Américas, ainda carece os direitos fundamentais para o exercício do jornalismo, que é impactado pelo gênero<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Pesquisa - Mães jornalistas e o contexto da Pandemia**. 2020. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/08/PESQUISA-MULHERES-JORNALISTAS-NA-PANDEMIA-WEB.pdf>>. Acesso em 11 de mar. de 2021.

<sup>7</sup> Cf. OEA. **Mujeres periodistas y libertad de expresión: discriminación y violencia basada en el género contra las mujeres**. RELATORÍA ESPECIAL PARA LA LIBERTAD DE EXPRESIÓN DE LA COMISIÓN INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS. 2018. Disponível em: <<http://www.oas.org/es/cidh/expresion/docs/informes/MujeresPeriodistas.pdf>>. Acesso em 11 de mar. de 2021.

Em um cenário pandêmico, as mulheres jornalistas precisam lidar com os desafios da profissão, principalmente quando estão atuando na linha de frente contra a Covid-19, como em coberturas sobre a doença, apuração das vítimas, testemunho de familiares, entre outras situações que colocam o risco de contaminação, sem deixar de lado a violência estrutural do gênero. Há, ainda, as mulheres jornalistas que encaram a jornada tripla, tendo que organizar seus itinerários em casa, enquanto mães e esposas, em funções de violência naturalizadas e que legitimam a sobrecarga feminina.

Solon et al. (2020) mostram que a maioria das jornalistas brasileiras têm uma média salarial de até cinco salários mínimos e que poucas recebem remuneração superior. Em contrapartida, os autores mostram que há duas vezes mais homens do que mulheres em cargos bem remunerados no jornalismo. Esse dado é significativo, especialmente no contexto da pandemia, já que por não ocuparem cargos executivos, como de direção e edição, as mulheres “sendo repórteres, estão mais sujeitas aos riscos do trabalho de campo e à maior demanda de produção noticiosa em home office” (SOLON et. al, 2020, p. 4).

Ou seja, mesmo que as jornalistas mulheres estejam ascendendo a sua participação, ainda há uma dificuldade em mudar as estruturas, seja em relação à violência de gênero nas organizações, bem como na própria produção jornalística. É o que afirma Steiner (2014), ao mostrar que ao contrário do que algumas estudiosas e ativistas feministas imaginavam, não ocorreu, apesar da presença de mulheres uma grande mudança nas coberturas jornalísticas, muito por conta do fenômeno conhecido como *glassceiling*, isto é, a dificuldade em alcançar postos de trabalhos mais altos, bem como o fato de grande parte das empresas de comunicação e mídia ser dirigida por homens.

A complexidade exigida na cobertura da Covid-19 revelou ainda mais essa imposição de padrões na ética jornalística. Salhani, Santos e Cabral (2020) ressaltam que o jornalismo é baseado em conceitos essencialmente masculinos, presentes no *ethos* profissional. Segundo os autores, a própria ideia da objetividade e da imparcialidade privilegiaria um ponto de vista patriarcal. Sendo assim, para transformar o jornalismo, levando em conta todos os pressupostos apresentados sobre a atuação das mulheres e superando o ponto de vista essencialmente masculino, “seria preciso, então, inserir a ética feminista na atividade, muito mais do que apenas produzir notícias com perspectiva de gênero” (SALHANI; SANTOS; CABRAL, 2020, p. 3).

No caso específico da cobertura da Covid-19, acreditamos que essa mudança se torna ainda mais evidente e necessária, uma vez que as mulheres têm destaque na linha de frente. Por isso, trabalharemos com essa intersecção entre a ética feminista do cuidado, de Carol Gilligan, e a proposta do Jornalismo para a Paz.

## **Jornalismo para a paz e Ética do Cuidado: uma perspectiva das mulheres**

Segundo Kuhnen (2014), a chamada Ética do Cuidado é apresentada por Carol Gilligan, quando a psicóloga e pesquisadora argumenta sobre a existência de duas perspectivas de compreensão moral: uma masculina, vista como a “voz padrão da moralidade”, baseada em noções de justiça e normas universais; e a outra, em uma perspectiva feminina, ou a “voz diferente”, que aponta para uma nova forma de encarar os problemas morais, com base na conexão e o cuidado. Kuhnen continua a sua explicação mostrando que o ato de silenciar essa voz diferente é algo naturalizado, mantido por uma estrutura conceitual e opressora patriarcal, que predomina socialmente e não cede espaço para a perspectiva feminista, por considerá-la inferior.

Isso já nos diz muito sobre certas estruturas que são historicamente mantidas. Há vários estudos importantes que mostram essa relação dualista de mundo, que coloca os homens como superiores por conta de sua racionalidade, enquanto as mulheres são vistas como inferiores, por conta da relação com os sentimentos e emoções (KUHNNEN, 2014, p. 2).

A própria filósofa feminista Simone de Beauvoir (2009) diz o homem não reconhece na mulher um semelhante, porque ela é vista justamente como o “outro” em relação a ele. Para a pensadora, “o homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem. Ela não é senão o que o homem decide que seja (...). O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 2009, p. 17). Levando isso em consideração, a hegemonia se mantém como um padrão masculino, que é visto nos discursos, incluindo as produções jornalísticas.

Carol Gilligan segue essa mesma justificativa ao propor a Ética do Cuidado. Kuhnen (2014) explica que a teoria destrincha que há uma lógica de dominação ao pensamento de valor hierárquico e dualista, que sustenta a dominação e a subordinação feminina. Isso leva à produção de um sistema de valores, que revela a dominação das mulheres pelos homens, destacando a racionalidade como algo que pertence a eles (KUHNNEN, 2014).

Diante disso, a proposta feminista de Gilligan é justamente se opor à esta suposta racionalidade relacionada aos homens para ditar os aspectos da moralidade. Ou seja, a Ética do Cuidado reivindica um espaço para o feminino em uma voz moral distinta da voz padrão, em uma concepção não apenas caracterizada pela emoção irracional, mas para uma racionalidade contextualizada que diverge da forma da razão tradicional.

Embora a racionalidade contextualizada possa estar mais baseada em um sentimento de conexão e de cuidado responsável em relação aos outros do que, por exemplo, propriamente no reconhecimento de que o outro tem um direito a algo, isso não significa que as mulheres não realizam julgamentos morais coerentes a partir de razões plausíveis a serem aceitas pelos outros e baseadas na avaliação racional da situação (KUHNNEN, 2014, p. 2-3).

Kuhnén (2014) continua seu texto dizendo que há críticas à Gilligan, visto que a teoria correria o risco do conservadorismo, já que delegar o cuidado às mulheres, quer dizer, que elas nasceram para cuidar dos outros, levaria a uma manutenção da submissão feminina, com a prevalência de estereótipos. No entanto, a autora pontua que não é esse o ponto da Ética do Cuidado. “Quando Gilligan afirma a existência de uma voz diferente, não objetiva sustentar nenhuma forma de essencialismo de gênero, no sentido de que toda mulher se caracteriza e se diferencia em sua essência do homem por ter uma voz moral diferente” (KUHNNEN, 2014, p. 3).

Ou seja, a intenção é perceber que os sujeitos possuem vozes distintas e não precisam ficar restritos à racionalidade, bem como a visão hegemônica que orienta os discursos e estruturas. Ao contrário, eles podem desenvolver e perceber outras formas de lidar com problemas morais, o que “representa um potencial transformador da sociedade e, por conseguinte, do modelo de reprodução de gênero” (KUHNNEN, 2014, p. 3). Assim, homens e mulheres estariam livres para pensar as vozes morais diferentes, dentro das questões que servem como referência de justiça, autonomia e o cuidado responsável.

É aqui que a Ética do Cuidado se aproxima das concepções do Jornalismo para a Paz. De acordo com Vicente (2015), as estruturas hegemônicas e históricas contribuem para a manutenção das desigualdades, injustiças e exclusividades, algo que é reforçado pela comunicação e pela expressão da paz negativa. Transpondo para a questão do jornalismo, percebe-se que os discursos que são explorados corroboram para a reprodução dessas opressões.

Salhani, Santos e Cabral (2020) seguem essa linha, pois reconhecem que a contribuição da Ética do Cuidado é compreender que há uma responsabilidade sobre o outro e, por conta disso, precisamos adotar comportamentos empáticos, tolerantes e responsáveis. “Nisso, a teoria de Gilligan se mostra como uma importante quebra de paradigma para se falar de uma teoria feminista na ciência e no jornalismo”, sendo uma perspectiva comunicativa guiada pela “sensibilidade às questões de gênero e justiça social” (SALHANI; SANTOS; CABRAL, 2020, p. 4), em contraponto às notícias com baixa sensibilidade à dor e ao sofrimento, que favorece a indiferença, o individualismo e o controle social.

Segundo Cabral e Salhani (2017), o Jornalismo para a Paz é um conceito que surge na intenção de ir na contramão, reivindicando novos esquemas, práticas e rotinas profissionais. Os autores disseram que o objetivo do seu surgimento é contrapor o jornalismo dominante, de guerra, focado na vitória de uns (“nós”) contra a derrota de outros (“eles”). Isso é algo que também vemos na questão de gênero, em relação às temáticas de violência, mas também ao trabalho executado pelos jornalistas. Como dissemos, há uma tendência para a manutenção dos

discursos, seja por essa visão de uma racionalidade moralista, mas também porque as mulheres ocupam diferentes lugares sociais e posições em relação aos homens.

Levando em conta os pressupostos da Ética do Cuidado, a teoria feminista de Gilligan pode ser inserida no conceito de Jornalismo para a Paz, uma vez que essa nova abordagem requer o desenvolvimento de novas “escolhas, do quê e como reportar de modo a criar oportunidades à sociedade de considerar e valorar a não-violência como resposta aos conflitos” (CABRAL; SALHANI, 2017, p. 9).

Cabral e Salhani (2017, p. 9-10) reiteram que o Jornalismo para a Paz preza pelos impactos sociais e a qualidade do conteúdo, ao invés dos interesses econômicos das empresas, tendo em vista que “muitos veículos de comunicação convencionais realizam uma cobertura superficial e descontextualizada de problemas, com o objetivo de controle social”. De certa forma, o Jornalismo para a Paz abrange a perspectiva de gênero, incorporando os conceitos da teoria feminista da Gilligan, mas indo além dos assuntos que abordam a violência de gênero ou pautas feministas. Aqui, a intenção é dialogar com outras práticas profissionais, dando voz aos menos privilegiados e contextualizando as narrativas, em da igualdade, transformação dos conflitos e pela paz (SALHANI; SANTOS; CABRAL, 2020).

Assim, a Ética do Cuidado orienta a prática do jornalismo direcionado para as pessoas, dando destaque em suas coberturas ao sofrimento causado por uma determinada situação – em nosso presente estudo, o da pandemia da Covid-19. Ao passo que também é uma proposta que abre espaço para diferentes expressões e superação dos discursos hegemônicos que se mantêm nas práticas comunicativas e, ao nosso ver, carece de mudanças em tempos de crise.

### **Metodologia da pesquisa**

A pesquisa sobre a atuação das mulheres jornalistas na cobertura da pandemia foi feita com base na resposta de um questionário *online* e em entrevistas semiestruturadas sobre o tema (GIL, 2011). O formulário para respostas foi confeccionado no *Google Forms* e distribuído em grupos de *WhatsApp* e individualmente às colegas jornalistas das pesquisadoras, que atuam na mídia. O questionário também foi postado na *fanpage* do Sindicato dos Jornalistas do Paraná, estado em que mora uma das pesquisadoras<sup>8</sup>.

A pesquisa ficou disponível de 5 a 12 de março de 2021, obtendo ao final 35 respostas. Foram disponibilizadas no questionário 10 perguntas objetivas, com opção de múltipla escolha e uma

---

<sup>8</sup> Página do Sindicato dos Jornalistas do Paraná – Disponível em: <https://www.facebook.com/sindijor.parana>  
Acessado em 5 de março de 2021.

pergunta aberta para respostas curtas por extenso pelas participantes. Nenhuma das perguntas era de solução obrigatória para dar sequência ao questionário. Porém, quatro das perguntas tinham relação com o questionamento anterior e só deveriam ser respondidas caso a participante tivesse assinalado o sim. Portanto, algumas perguntas tiveram maior número de respostas do que outras. No quadro 1 relacionamos as perguntas elaboradas e o número de respostas obtidas:

**Quadro 1 – Perguntas e número de respostas do questionário**

Perguntas	Número de Respostas
1. Num dia normal de trabalho você prefere cobrir assuntos ligados à pandemia?	35
2. Você considera que as jornalistas mulheres têm maior sensibilidade para tratar de pautas ligadas à pandemia da Covid-19?	35
3. Em algum momento você se emocionou fazendo ou editando uma reportagem sobre a pandemia?	35
4. Se você respondeu SIM à pergunta anterior, nos diga qual das situações abaixo, ligadas à pandemia, mais te emociona.	32
5. Algum entrevistado já se emocionou durante a execução de uma reportagem?	30
6. Se respondeu SIM à pergunta anterior, qual foi a sua reação?	17
7. Em algum momento, cobrindo a pandemia você foi agredida verbal ou fisicamente?	32
8. Se respondeu SIM à pergunta anterior, qual foi a sua reação à agressão?	4
9. Já sentiu vontade de sair do trabalho por causa da cobertura da pandemia?	34
10. Se respondeu SIM à pergunta anterior, qual o motivo que poderia te motivar a sair?	15
11. Como você resume o seu sentimento na cobertura à pandemia da Covid-19?	26

Fonte: elaborado pelas autoras.

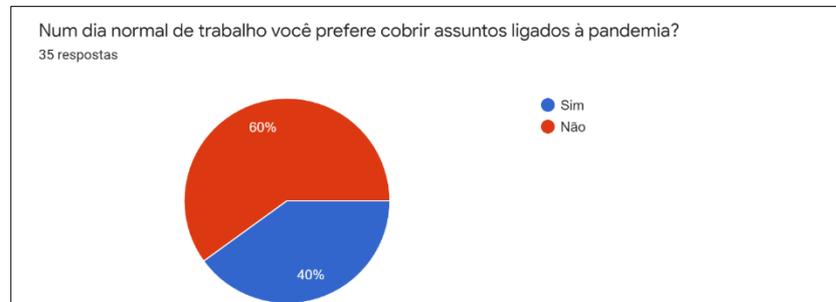
Duas jornalistas foram convidadas a responderem a uma entrevista individual, mediada por suporte remoto de comunicação, via *Google Meet*. As entrevistas, semiestruturadas, tiveram como base o questionário enviado às demais participantes. Porém, além das perguntas do questionário, foram feitas perguntas que aprofundaram os temas tratados conforme os assuntos eram abordados. Como observado por Gil (2011), esta forma de entrevista, mais como uma conversa, abre espaço para uma descoberta mais livre do objeto de pesquisa.

As jornalistas entrevistadas tinham realidades completamente diferentes. Uma delas é casada, sem filhos, mora no Espírito Santo e trabalha em televisão. A outra é separada, tem dois filhos, mora na Itália e trabalha em uma rádio. A diferença de realidades foi levada em consideração no momento de fazer o convite para participar da pesquisa. Já que a intenção das pesquisadoras era demonstrar que as diferenças de universos particulares trazem um contexto diversificado para abordagem dos temas selecionados.

## Resultados do questionário

Quando perguntadas sobre a preferência de pauta na cobertura jornalística durante a pandemia, 60% das participantes informaram que preferiam cobrir outros assuntos que não fossem ligados à pandemia e 40% demonstraram predileção por trabalhar com os temas relacionados ao novo Coronavírus. O resultado está demonstrado na figura 1:

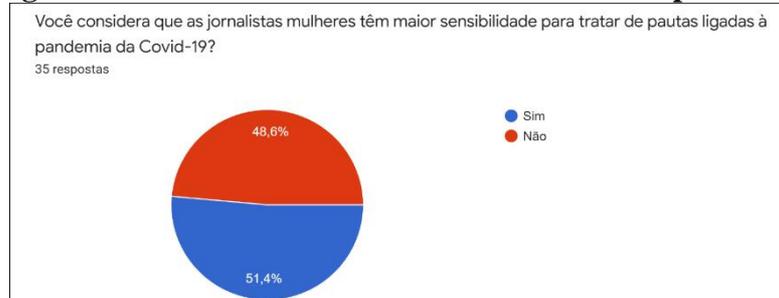
**Figura 1 – Preferência de pauta**



Fonte: Resultado pesquisa Mulheres no Jornalismo na Pandemia

Já para atestar o grau de sensibilidade no tratamento das notícias e com os entrevistados, perguntamos se as mulheres seriam mais sensíveis para trabalhar com as pautas sobre a pandemia. Lembrando que a sensibilidade é uma característica atribuída genericamente como feminina em sociedades patriarcais. Mas como bem observou Gilligan (1982), a sensibilidade faz parte do que ela chama de “voz diferente” e não necessariamente deve ser atribuída apenas às mulheres.. As respostas ficaram próximas com 51,4% respondendo que sim, as mulheres seriam mais sensíveis, e 48,6% dizendo que não, como ilustra a figura 2:

**Figura 2 – Sensibilidade feminina na cobertura à pandemia**



Fonte: Resultado pesquisa Mulheres no Jornalismo na Pandemia

Ainda seguindo no quesito sensibilidade, tratamos sobre momentos de emoção durante a execução do trabalho na pandemia. Ao todo 91,4% das entrevistadas admitiram que se emocionaram em algum momento da cobertura jornalística desta situação de crise. Apenas 8,6% disseram que não se emocionaram em nenhum momento.

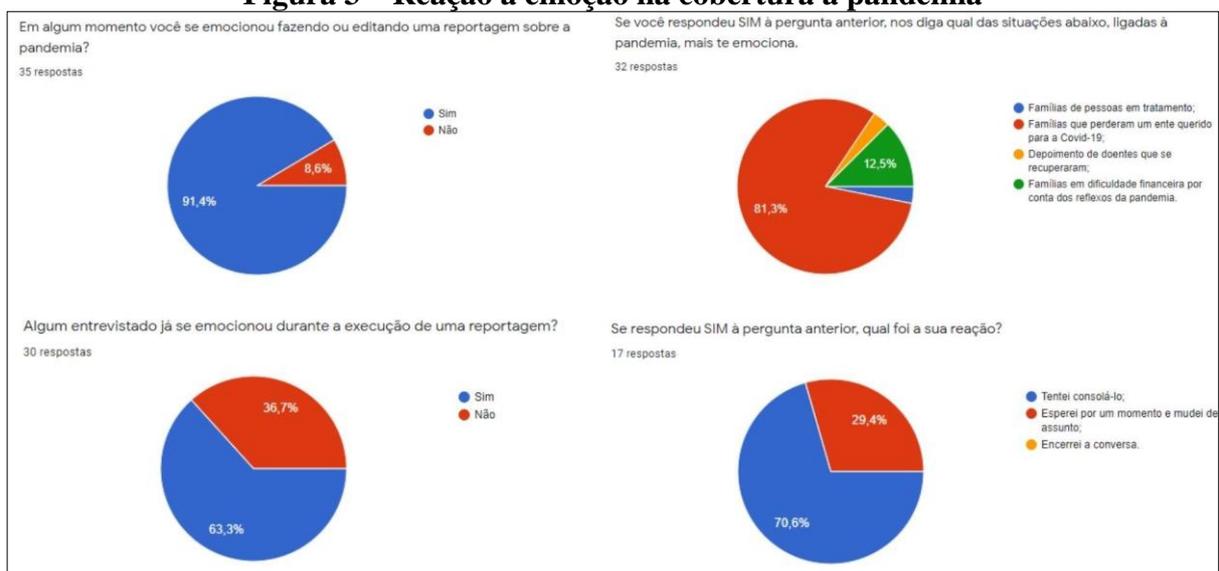
Para aquelas que responderam sim, trouxemos algumas opções para que exemplificassem em quais contextos tinham se emocionado. Falar com pessoas que haviam perdido algum ente querido neste momento foi o motivo de emoção para 81,3% das participantes, 12,5% se sentiram tocadas por relatos de pessoas em dificuldade financeira ocasionada pela pandemia,

relatos de famílias com pessoas em tratamento e testemunhos de pessoas que se recuperaram da Covid-19 receberam 3,1% das respostas cada uma.

A emotividade é um ingrediente presente na cobertura jornalística da pandemia da Covid-19. Estamos lidando com vidas, sustento das famílias e perspectivas de futuro. Quando perguntadas se algum entrevistado havia se emocionado durante uma entrevista, 63,3% das participantes responderam que sim e 36,7% assinalaram o não.

Como estamos tratando da voz dissonante, adicionamos ao questionário a pergunta que demonstra a forma como estas profissionais reagiam ao entrar em contato com a emoção do outro na execução do trabalho. A tentativa de consolar a pessoa que havia se emocionado foi a resposta escolhida por 70,6% das entrevistadas, 29,4% informaram que ficaram em silêncio por um tempo. Só depois deste tempo, elas seguiram em frente com o trabalho. Nenhuma das respostas incluiu a opção “encerrei a conversa”, demonstrando que mesmo que não saiba como agir, ficando em silêncio, ignorar a emoção do outro não é uma opção. Os resultados relacionados à sensibilidade e emotividade estão demonstrados na figura 3:

**Figura 3 – Reação à emoção na cobertura à pandemia**



Fonte: Resultado pesquisa Mulheres no Jornalismo na Pandemia

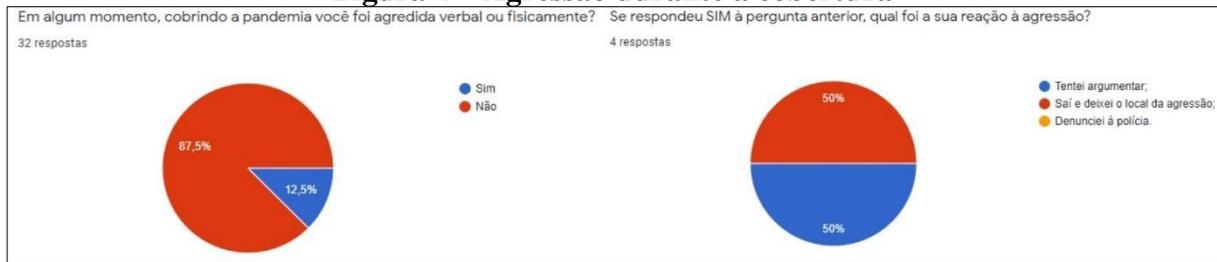
Em 2020 o número de ataques à imprensa aumentou 106% com relação a 2019. Segundo um levantamento da Fenaj, foram registradas 428 ocorrências<sup>9</sup>. Portanto, este foi um dos questionamentos que fizeram parte da pesquisa. A agressão física ou verbal atingiu 12,5% das participantes, enquanto 87,5% conseguiram executar suas tarefas sem mais esta pressão. No tocante ao modo como reagiram às agressões, as respostas ficaram divididas, metade das participantes agredidas informaram que deixaram o local da agressão e a outra metade tentou

<sup>9</sup> Ataques à imprensa marcam um ano de pandemia – Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/ataques-a-imprensa-marcam-um-ano-de-pandemia> Acessado em 13 de março de 2021.

argumentar com o agressor. Porém, nenhuma relatou ter denunciado à polícia o ocorrido.

Ambos os resultados estão demonstrados na figura 4:

**Figura 4 – Agressão durante a cobertura**

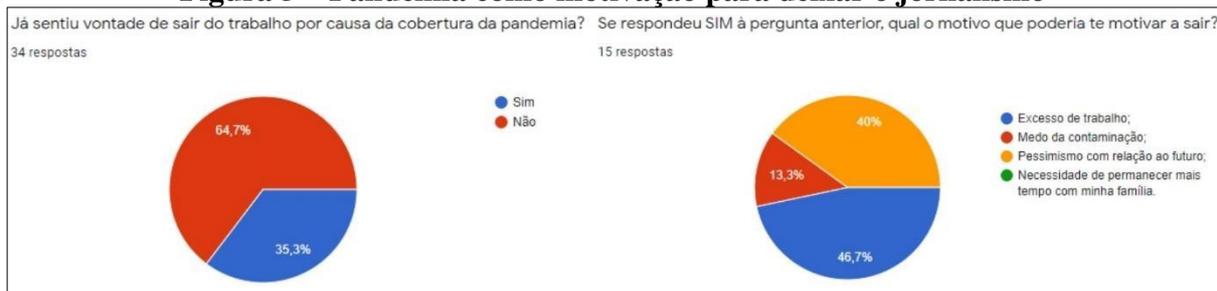


Fonte: Resultado pesquisa Mulheres no Jornalismo na Pandemia

A pandemia nos expôs a condições de trabalho nem sempre seguras. De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, o IPEA, no início da pandemia, 22,7% dos trabalhos poderiam ser desempenhados exclusivamente de casa, em *home office* (BARBOSA; COSTA; HECKSCHER, 2020). Porém, nem todas as funções do jornalismo podem ser desempenhadas de forma remota. Principalmente a função de repórter exige deslocamento e registro presencial dos fatos, em todos os veículos de comunicação, mas principalmente no meio TV. Além disso, nós mulheres, como comentado já nesta pesquisa, sofremos com a jornada tripla de trabalho, com o acúmulo da atividade profissional, os cuidados domésticos e a criação dos filhos, que estão, em sua maioria, em ensino remoto.

Diante destas informações questionamos as mulheres sobre o desejo de deixar a profissão em virtude do quadro pandêmico. Ao todo 35,3% das participantes revelaram que já pensaram na possibilidade, enquanto 64,7% informaram que a pandemia não as tiraria do mercado por vontade própria. Para as que responderam de forma positiva, perguntamos quais seriam os motivos relacionados ao abandono da profissão na pandemia, 46,7% creditaram o desejo de sair ao excesso de trabalho, 40% por se sentirem pessimistas com relação ao futuro e 13,3% por causa do medo da contaminação pelo Sars-Cov-2. A necessidade de permanecer mais tempo com a família não foi citada por nenhuma das participantes. O resultado destas duas questões está demonstrado na figura 5:

**Figura 5 – Pandemia como motivação para deixar o jornalismo**



Fonte: Resultado pesquisa Mulheres no Jornalismo na Pandemia



cobertura de um fato histórico, como a pandemia da Covid-19, vai marcar suas trajetórias. Porém, há muitas respostas bastante divergentes ao longo das entrevistas.

Com relação ao trabalho, a jornalista que está na Itália disse que prefere tratar de temas sem relação com a Covid-19 no seu cotidiano de trabalho. Ela segue em *home office* na maior parte do tempo. Em períodos que não há *lockdown*<sup>11</sup> no país, os funcionários da rádio podem escolher se trabalham de casa ou da redação. A nossa entrevistada escolheu ir até a rádio apenas uma vez por semana, assim como suas demais colegas do sexo feminino. Enquanto isso, os homens escolheram trabalhar diariamente na redação. Podemos inferir que quem fica em casa, acaba se ocupando dos afazeres da casa e do cuidado com filhos.

No caso da jornalista que está no Brasil, ela prefere trabalhar com temas ligados à pandemia. Nos contou que em sua redação de TV o *home office* foi realidade temporária para parte da equipe, como produtores e pauteiros. Mas atualmente todos já estão de volta à redação. No caso dos demais profissionais, como repórteres, repórteres cinematográficos, apresentadores e editores há uma impossibilidade técnica para o *home office*, por conta do uso dos equipamentos que permanecem na empresa. Porém, vários recursos de gravação *online* de entrevistas, mediadas por novas tecnologias foram empregadas quando possível.

Por conta desta realidade presencial de trabalho, nossa entrevistada foi contaminada pela Covid-19. Ela informou que não sabe ao certo onde contraiu o vírus, mas suspeita de um momento no local de trabalho. Segundo nossa entrevistada, cerca de 40 funcionários da emissora já haviam sido contaminados até a data da nossa entrevista.

Ela nos relatou que em seu caso não viu o trabalho em casa aumentar porque mora somente com o marido e as tarefas não mudaram. Porém, viu suas colegas com filhos terem de se desdobrar para cumprir as atividades laborais e ainda o cuidado com as crianças que estão em casa, em ensino remoto.

A emoção permeou o trabalho de cobertura das nossas duas entrevistadas de forma diferente. No caso da colega que trabalha na imprensa italiana, a emoção ficou por conta dos pronunciamentos do Papa Francisco relacionados aos sofrimentos de diferentes povos no enfrentamento a esta crise humanitária. Um momento de emoção citado foi do dia 27 de março de 2020, quando o Papa Francisco foi até a praça São Pedro, em Roma, que estava vazia, em uma noite fria e com chuva, para rezar pelo fim da pandemia. O momento foi transmitido ao

---

<sup>11</sup> Numa tradução livre o *lockdown* significa confinamento. Durante a pandemia, vários governos têm adotado a medida como forma de conter a propagação do Sars-Cov-2. No período de decreto os cidadãos não podem sair de casa e a fiscalização da manutenção do confinamento é feita pelo Estado.

vivo e ela que estava fazendo a cobertura ficou bastante emocionada, mas estava em casa e ninguém presenciou a cena.

Já nossa entrevistada da imprensa brasileira disse que por inúmeras vezes se emocionou na cobertura da pandemia e destacou duas situações. Uma em que se deparou com o caso de uma mulher jovem, sem filhos, que perdeu o marido para a Covid-19. Ela disse que se identificou com a história da entrevistada e não se conteve, foi às lágrimas. Em uma outra situação, ficou marcada pelo relato de uma personagem, que teve um filho na pandemia e ele não está habituado a ver as pessoas sem máscaras, a mãe disse que a criança vive num mundo sem sorrisos.

Nenhuma das duas foi agredida no trabalho. Na Itália, nossa entrevistada disse que há um clima de união entre a população. A única reclamação que ela percebe com relação à imprensa é quando notícias pessimistas são postadas nos portais de notícia, como informações de pessoas contaminadas após tomarem a vacina, ou perspectivas pessimistas com relação ao futuro. Ela observa que os comentários posteriores a estas notícias são discordantes. Aqui no Brasil, nossa colega da imprensa viu companheiros de outras emissoras serem agredidos na execução de suas pautas e deu apoio a eles. Ela disse inclusive que fez posts em suas redes sociais, pedindo respeito aos jornalistas, se solidarizando com os colegas.

Ambas relataram que jamais pensaram em deixar a profissão por causa de qualquer problema gerado pela pandemia. Mas seguem no intuito de informar e com isso tentar conscientizar a população, mesmo que haja tantas informações desencontradas sobre o tema. A busca de ambas é por informações oficiais, verdadeiras, que combatam a desinformação.

### **Discussão dos resultados**

O que pudemos notar desta pesquisa é que a “voz diferente”, citada por Kuhnen (2014), com base na Ética do Cuidado de Carol Gilligan, tem um papel importante na divulgação de informações relacionadas à pandemia. As mulheres estão também na linha de frente da imprensa, reportando os fatos que vão marcar a história. A sensibilidade feminina na cobertura midiática ficou evidente com 91,4% das participantes respondendo positivamente à pesquisa, admitindo que se emocionaram trabalhando. Assim como nossas entrevistadas em profundidade, que descreveram momentos de emoção na cobertura da pandemia. Esta realidade demonstra como as mulheres fazem uso de uma racionalidade contextualizada, baseada no cuidado e conexão com o outro (KUHNNEN, 2014).

A empatia e o sentimento de responsabilidade ao passar as informações corretas, de forma clara, foram percebidos na pesquisa. Mesmo diante de inúmeros desafios, como excesso de trabalho

em jornadas triplas, medo de contaminação e perspectivas pessimistas, a maior parte das nossas participantes da pesquisa (64,7%) informou que não pretende deixar a profissão. Nossas duas entrevistadas em profundidade ainda reiteraram o papel social da mídia, de responsabilidade com o outro, como destacaram Salhani, Santos e Cabral (2020), que é um dos pontos de apoio do Jornalismo para a Paz.

## Referências

BARBOSA, Ana Luiza Neves de Holanda; COSTA, Joana Simões de Melo; HECKSHER, Marcos Dantas. Mercado de trabalho e pandemia da covid-19: Ampliação de desigualdades já existentes?. 2020.

CABRAL, Raquel.; SALHANI, Jorge. Jornalismo para a paz: conceitos e reflexões. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós**. V. 20. N. 3. Brasília, set./dez., 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011. 200 p.

GILLIGAN, Carol. **In a different voice: psychological theory and women's development**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

KOBORI, Nayara.; SANCHES, Priscila Romero. Ética do cuidado retratada na mídia: as estratégias de combate a Covid-19 por lideranças femininas. In: PAULINO, Rita.; RODRÍGUEZ-HIDALGO, Claudia. (Orgs.). **Jornalismo, sociedade e pandemia**. 1ª edição. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

KUHNEN, Tânia Aparecida. A ética do cuidado como teoria feminista. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.

SALHANI, Jorge.; SANTOS, Heloíse dos.; CABRAL, Raquel. Uma perspectiva feminista ao jornalismo para a paz. In: **Revistas Estudos Feministas**. V, 28. N. 3. Florianópolis, 2020.

SANCHES, Priscila Romero. A Importância da Inserção de Notícias Positivas na Cobertura Jornalística à Pandemia da Covid-19. In: OLIVEIRA, Maria G. de.; GADINI, Sérgio. (Orgs.). **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. 1ª edição. Aveiro: Ria Editorial, 2020.

SOLON, Marina.; ARAÚJO, Mayara.; RODRIGUES, Naiana.; NUNES, Márcia Vidal. O trabalho de mulheres jornalistas durante a pandemia da Covid-19: um estudo de caso dos reordenamentos produtivos no Ceará. In: **Revista INTER-LEGERE**. V. 3. N. 28. 2020.

VICENTE, Maximiliano Martín. Comunicación y paz activa: un diálogo posible. In: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. V. 38. N. 1, p. 275-292, 2015.